

Capítulo 1

Desafio de Honra

A multidão soltou um grito de assombro, seguido por um misto de aplausos e vivas direcionados ao espetáculo. Martim não tinha conseguido um bom lugar, então tudo o que podia ver eram costas, braços levantados e breves relances da luta que se desenrolava no centro da arena cercada por soldados.

– O que aconteceu? Vocês viram? – O homem à sua frente perguntou, olhando para os lados – O que foi aquele salto?

– Não sei, mas acho que ela se machucou! Parece que desistiu da luta, olha! – respondeu o outro, apontando com o dedo por cima do ombro do soldado à sua frente.

Martim dava pulos na tentativa de ver o que estava acontecendo, seus cabelos loiros chicoteando o rosto à medida que subia e descia. Em uma rara abertura, conseguiu rapidamente ver as figuras dos dois lutadores. Uma das figuras usava uma armadura negra. Era a nova capitã da guarda. Ela estava de costas para o outro lutador. Mancando, afastava-se dele em passos rápidos. Este não tinha armadura, mas sim uma grossa roupa de couro tingido de vermelho. Parecia estar parado, com as mãos próximas ao rosto. Martim não conseguiu ver nada além

disso, pois a muralha de soldados que se acotovelavam cobriu sua visão mais uma vez.

Começou a correr desesperadamente para os lados, buscando uma brecha. Ao tentar se enfiar entre dois homens, foi empurrado para trás e acabou caindo de joelhos em um monte de estrume de cavalo, sujando sua perna esquerda.

– Aqui não! Vai procurar outro lugar! – disse o agressor.

Xingando silenciosamente e balançando a perna para expelir um pouco da sujeira, continuou procurando por um lugar para conseguir ver a luta.

Tinha chegado tarde, é verdade, mas a culpa não tinha sido inteiramente sua. O anúncio feito na noite anterior dizia que se tratava apenas da apresentação da nova capitã, na sala do trono. Uma formalidade que, exceto pelo fato de se tratar de uma mulher e não um homem, não tinha nada de interessante. Mas quando a cerimônia se transformou em um desafio de honra, todos correram para fora do castelo, amontoando-se ao redor da pequena área cercada que normalmente era palco de treinamento de cavalos, e que foi improvisadamente transformada em uma arena de luta. Martim demorou demais. Quando chegou, viu cada centímetro da cerca ocupado por uma fileira de pelo menos três homens de espessura.

Tinha até conseguido um bom lugar na sala do trono, antes. Ainda sonolento, acompanhou de perto a demorada procissão de nobres, generais, soldados e, por fim, da rainha, que aos poucos foram se acomodando em cada canto da sala. A rainha e as demais figuras importantes sentaram-se em uma área mais elevada, onde ficava o trono. Os soldados da guarda real, entre eles Martim, acomodaram-se em longos bancos que ficavam próximos ao corredor central. Mais atrás, em pé junto às paredes, posicionaram-se os serviçais do castelo e outras pessoas que conseguiram permissão para assistir à cerimônia.

Pouco tempo depois que todos estavam acomodados, um homem entrou na sala e caminhou com o nariz empinado até a lateral do corredor, perto de onde Martim estava. Ele quase pôde sentir o hálito do arauto, quando este anunciou, em sua voz alta e clara:

– Atenção, atenção! Todos saúdem Maria, capitã da guarda real, nomeada segundo a vontade de nossa amada rainha Catarina.

Todos viraram seus rostos para a grande porta de madeira que dava acesso à sala. Martim pôde ver quando a capitã apareceu, emoldurada pelos largos batentes. Ela parou por um breve momento e esquadrinhou a sala. Em seguida, retomou a caminhada em direção à área do trono.

Neste momento, Martim sentiu um cutucão em seu braço esquerdo. Olhou discretamente para o lado, com medo de chamar atenção, e ouviu um colega sussurrar:

– Psst, Martim, viu a perna dela?

Martim não tinha reparado antes, dada a naturalidade com que ela caminhava, mas agora viu, claramente, que uma das pernas dela – a direita – tinha uma haste metálica e uma espécie de gancho no lugar onde deveria ficar seu pé. Ele deve ter ficado boquiaberto, pois o colega voltou a cutucá-lo:

– Disfarça, ou ela vai perceber!

Martim subiu os olhos rapidamente e ficou impressionado com a vestimenta da capitã. Ela usava uma armadura de aço escurecido, que cobria todo seu torso, na frente e nas costas, incluindo os ombros. Era mais fina na cintura e mais arredondada do que a maioria das armaduras, denunciando que tinha sido feita sob medida para seu corpo feminino. Havia algumas peças metálicas cobrindo parte das mãos, dos braços, coxas e da perna que ainda lhe restava. Não sendo uma armadura completa, o conjunto provavelmente lhe conferia grande mobilidade.

O elmo cobria toda a cabeça, exceto por uma fina ranhura na parte dos olhos. Do topo do elmo caía uma longa

mecha de pelos negros, possivelmente extraídos de crinas de cavalos. Por baixo da armadura usava calças longas e uma blusa, ambas as peças brancas e bastante justas. Uma única bota de couro negra completava seu traje. O contraste entre o branco do tecido e a cor escura do aço criava um destaque que atraía o olhar. A armadura era simples, mas tinha uma beleza crua, e Martim ficou imaginando se era apenas uma peça cerimonial ou se tinha sido projetada para uso em batalha.

A rainha permanecia sentada, assim como todos os nobres e demais pessoas que estavam próximas ao trono. Ela seguia com os olhos astutos a sua mais nova protegida, mantendo o fino queixo erguido, provavelmente sentindo-se orgulhosa por sua escolha. A rainha tinha cabelos cinza, lisos e compridos. Usava-os em um alto topete que ficava preso por todos os lados pela fina coroa dourada que lhe outorgava o poder máximo do reino. Seus olhos eram também acinzentados, com um tom azul-escuro incomum. Os lábios e nariz finos eram bem posicionados no rosto idoso e sereno. Sua postura altiva não deixava dúvida de que pertencia à mais alta nobreza.

A capitã chegou ao degrau que separava a área do trono do restante da sala, ajoelhou-se e abaixou a cabeça, fazendo a longa mecha de fios negros que caía do topo de sua cabeça

quase tocar o chão à sua frente. A rainha falou, com uma voz aguda e limpa:

– Maria, nobre cavaleira do reino de Évora, valente guerreira do terceiro batalhão do exército real, você aceita assumir o comando de minha guarda?

A capitã levantou o rosto e respondeu, com a voz confiante:

– Sim, Majestade!

– Levante-se e saúde seus leais soldados!

Maria levantou-se e virou-se de costas para a rainha, olhando para Martim e os outros cinquenta e nove soldados da guarda real. Retirou sua espada da bainha, produzindo um som metálico agudo, e a apontou para o teto. Em seguida, falou, em um tom de voz alto e resolutivo:

– Soldados da guarda real, saúdem nossa rainha Catarina!

Obediente, Martim repetiu o seu gesto, retirando sua espada da bainha e erguendo-a em direção ao teto, tomando o cuidado de não apontá-la para a rainha, o que era considerado um grave insulto. O mesmo foi feito por todos os soldados da sala, e o barulho uníssono ecoou pelo local.

Martim fazia parte da guarda real havia dois anos. Depois de muito tempo treinando em um batalhão da infantaria, conseguiu alcançar uma vaga nessa que era considerada a divisão de elite do exército. Não eram como as centenas de soldados comuns que podiam ser convocados em tempos de guerra para defender as fazendas, muralhas e torres do enorme castelo, e que muitas vezes sequer podiam ser chamados de soldados, sendo pouco mais do que camponeses que empunhavam armas como se fossem enxadas e forcados. Em contraste, os sessenta homens da guarda real viviam para guerrear. Eram excepcionalmente bem treinados para cuidar da proteção pessoal da rainha e de seu séquito, sendo presença comum em qualquer tipo de reunião ou cerimônia. Além disso, a guarda era frequentemente destacada para realizar operações de guerra especiais que exigiam excelência e habilidades acima da média.

Martim amava sua função e servia com o máximo de dedicação e esforço que conseguia, muito por causa de seu antigo capitão. Seu nome era Augusto, e ele era muito amado por toda a guarda, sendo considerado um líder valoroso, justo e leal. Sua morte trágica deixou todos muito abalados, principalmente Martim, pois Augusto tinha sacrificado sua própria vida para salvá-lo.

Neste momento, todos embainharam suas espadas. O arauto, que tinha se afastado um pouco, voltou a tomar um lugar de destaque e anunciou:

– Ouçam, ouçam! Há alguém que se opõe à nomeação de Maria como capitã da guarda real? Que se manifeste agora, expondo seus motivos!

Dezenas de vozes se ergueram, fazendo um grande alvoroço na sala.

– SILÊNCIO! – gritou a rainha. Depois soltou um suspiro e disse: – Aauto, organize essa bagunça!

Martim olhou novamente para a capitã. Ela mantinha a postura confiante, com as costas eretas e o queixo erguido, não parecendo se incomodar com a forte oposição que estava prestes a enfrentar.

Ele tinha ficado muito apreensivo quando soube da escolha da rainha, alguns dias atrás. Mesmo sem saber nada sobre ela, desconfiava que Maria teria grandes dificuldades para liderar aquele grupo de soldados, em sua maioria homens rudes e belicosos. Como uma mulher seria capaz de fazer com que obedecessem às suas ordens sem dúvidas e questionamentos?

A maioria dos soldados também não ficou satisfeita com a nomeação. Além de considerar que uma mulher não tinha

competência para assumir esse posto, muitos queriam que o novo capitão fosse escolhido entre os líderes natos do pelotão. Falavam no nome de Silas, que era o mais forte. Havia também Percival, que era habilidoso e destemido, ainda que um pouco obstinado demais. Quando souberam que a rainha ignorou a vontade da maioria, escolhendo uma mulher desconhecida, vinda de uma divisão distante do exército, um clima de revolta e indignação se instaurou. E Martim tinha certeza que esse clima se voltaria de alguma forma contra ele, pois quase todos o tratavam com desprezo, por ter sido o principal responsável pela morte do querido capitão Augusto.

– Ordem, ordem! Um de cada vez! – disse o arauto. – Milorde, por favor, pode falar – disse, apontando para um nobre que estava ao lado da rainha.

– Isso é um absurdo, vossa Majestade! – começou o homem. Martim o reconheceu. Era um dos escudeiros da rainha. – Uma mulher não é capaz de...

– Complete essa frase, lorde Eustáquio, por favor! – vociferou a rainha, interrompendo-o. – Se não aceita que uma mulher possa liderar homens em combate, entendo que também não aceita que uma mulher possa liderar este reino, estou certa?

O homem se calou. Quase tinha caído numa armadilha. Se continuasse sua fala, estaria admitindo que não considerava a rainha como sua legítima governante e corria o risco de ser executado.

A rainha levantou o queixo e olhou para todos na sala, que neste momento estava repleta de burburinhos. Ela disse:

– Vocês conhecem a lei. Ninguém pode contestar uma nomeação real, exceto por uma questão de honra ou de ordem prática. O que vocês acham que uma mulher é capaz ou não de fazer, guardem para vocês mesmos!

Após alguns segundos de silêncio, a rainha fez sinal para o arauto. Este repetiu seu aviso, rephraseando-o um pouco:

– Atenção! Há alguém que se opõe à nomeação de Maria como capitã da guarda real, por motivo de honra ou de ordem prática? Que se manifeste agora, expondo seus motivos!

Fez-se um silêncio momentâneo, mas que logo foi quebrado por uma voz vinda da direção de uma das paredes:

– Eu me oponho!

Todos se viraram para ver quem era o desafiante. O arauto, reconhecendo-o, disse:

– Mestre Aires! Exponha seus motivos.

O homem se afastou da parede e foi até o corredor central, caminhando lentamente até o local do trono. Vestia uma grossa roupa de couro vermelho da cabeça aos pés. Tinha um bigode fino e grisalho, a mesma coloração de seus cabelos encaracolados. Martim tentava identificar alguma reação na capitã, mas seu elmo impossibilitava a leitura de qualquer tipo de expressão facial. Mestre Aires disse:

– Maria não tem as habilidades para assumir tão honrado posto de comando. Eu fui seu professor de esgrima e sei muito bem que ela pode ser rápida, mas não tem força para combater, como já ficou provado quando estava no exército. Eu mesmo já a derrotei em diversos duelos. Droga, ela tem uma perna só! – Virou-se para os soldados e disse, apontando para Maria enquanto estampava preocupação no rosto: – Vocês acham que uma pernetta será capaz de liderá-los?

– Mestre! – disse a capitã, com a voz grave. – Você me desonra com tal testemunho!

Ele sorriu antes de virar-se e encará-la. Respondeu, com o rosto erguido e a boca retorcida em desgosto:

– Você é quem desonra a guarda real! Você é fisicamente incapaz de assumir esse posto, e pretendo provar isso em

combate. Majestade? – disse, olhando para a rainha, enquanto tirava sua luva esquerda e a jogava no chão, aos pés de Maria, um gesto de desafio para uma luta.

A capitã não esboçou reação alguma. Foi a rainha quem respondeu:

– Maria, você teve sua honra atacada por mestre Aires e foi desafiada. Deseja defendê-la em combate e assim conquistar seu direito de assumir o posto conforme minha vontade?

A capitã ficou alguns segundos parada, olhando para seu oponente. Enfim disse:

– Sim.

– Pois bem, que seja feito! – disse a rainha. – Maria, capitã contestada da guarda real, e mestre Aires, nobre espadachim deste reino, se enfrentarão em duelo até a morte! Arauto?

Antes que o arauto desse seguimento à cerimônia, ouviu-se outra voz:

– Eu também me oponho!

Mais uma vez, todos viraram suas cabeças em busca do homem que protestava. Identificando-o, o arauto anunciou:

– Lorde Caim, comandante do quinto batalhão da infantaria. Exponha seus motivos.

Martim não teve dificuldades em encontrar o dono da voz. Conhecia Caim, e o homem se destacava em qualquer multidão. Tinha quase dois metros de altura e vestia uma armadura prateada. Diferente da armadura de Maria, a sua cobria todo o seu corpo, da cabeça aos pés, sem deixar nenhum espaço desprotegido. Segurava um também reluzente elmo debaixo do braço, deixando à mostra seu rosto quadrado, que era coberto por uma farta barba e longos cabelos cor de cobre. Por trás da franja brilhavam seus olhos verdes.

Lentamente, e produzindo sons de sinos com suas botas metálicas, caminhou pelo corredor até parar ao lado do mestre Aires. Fez uma reverência em direção à rainha e começou seu discurso:

– Majestade, por anos fui comandante do quinto batalhão da infantaria. Fui à guerra em nome da coroa, expulsei muitos invasores e matei mais inimigos do que consigo me lembrar. Em inúmeras ocasiões fui condecorado pelo seu falecido marido, o rei Gregório, que me prometeu ser agraciado como capitão da guarda real assim que a campanha no norte terminasse e a oportunidade surgisse. Sinto-me humilhado ao ver que fui preterido por uma... –

Ele hesitou. Martim entendeu que ele não queria cometer o mesmo erro que Lorde Eustáquio. Enfim completou seu pensamento: – Uma soldada rasa!

A rainha respondeu ao desafiante:

– Não sou obrigada a cumprir as promessas feitas por meu marido! De qualquer maneira, lembro-lhe que a senhorita Maria também foi condecorada pelo rei por atos valorosos em guerra, e ele também tinha prometido a ela uma posição de mais destaque. Não vejo um motivo válido para sua objeção à nomeação.

Caim ficou com o rosto vermelho, enraivecido após a negativa da rainha. Abaixou a cabeça e olhou para Maria, que estava poucos centímetros à sua frente. Precisava olhar muito para baixo para encará-la, dada a diferença de altura entre eles. Com um sorriso maldoso, disse, baixinho:

– Sim, prometeu, não é? – Em seguida, subiu a voz: – Eu disse soldada? Eu quis dizer uma prostituta, que foi para a cama com o rei em troca dessa promoção!

Ele retirou sua pesada manopla de aço e a jogou aos pés da capitã, produzindo um som metálico que ecoou pela sala. Conversas e burburinho começaram imediatamente. Levantando os braços, a rainha esbravejou, com o rosto e a voz carregados de revolta:

– Comandante Caim, você nos desonra com suas falsas acusações! – Em seguida, dirigiu-se à capitã: – Maria, ambas tivemos a honra atacada pelo comandante Caim. Peço, como sua rainha, que defenda a nossa honra em combate e assim conquiste seu direito de assumir o posto conforme minha vontade, além de calar a boca desse falastrão que ousa difamar seu falecido rei. Aceita meu pedido?

– Sim, Majestade! – Maria respondeu, olhando para cima para encarar o gigantesco homem.

A rainha olhou para todos ao seu redor. Depois de um tempo, disse:

– Mais alguém? Gostaria muito de saber quem mais quer discordar de mim hoje.

Sem obter resposta, ela suspirou e disse:

– Pois bem, pois bem! Maria, capitã contestada da guarda real, irá enfrentar em combate mestre Aires e comandante Caim. Arauto, faça o anúncio, por favor. – Dizendo isto, a rainha se afundou no trono, parecendo cansada.

O arauto mais uma vez ergueu a cabeça e começou a falar:

– Atenção! Atenção! Os combates deverão ter início em poucos instantes. Dirijam-se todos à área de treinamento de cavalos, ao lado do...

Martim não conseguiu ouvir mais nada. Todos se levantaram correndo. Primeiro os soldados, produzindo muito barulho com suas armaduras metálicas batendo umas contra as outras. O arrastar de cadeiras e gritos de excitação indicavam que até mesmo os mais finos nobres estavam se levantando e se acotovelando, correndo em direção à saída como se fossem um bando de crianças em busca de doces.

Capítulo 2

Sem Piedade

Martim ainda ficou um tempo parado na sala do trono, observando os personagens da contenda que iria começar em breve. O comandante Caim saiu primeiro, produzindo passos barulhentos à medida que movia seu corpanzil. Martim não queria demorar, temendo não conseguir um bom lugar, mas ficou curioso ao ver que a capitã e mestre Aires ainda estavam parados no mesmo lugar, olhando um para o outro. O homem estava recolocando a luva enquanto a olhava com desprezo, e ela parecia estar dizendo algo. Martim fez de conta que tinha esquecido alguma coisa em seu assento e voltou para perto dos dois. Tentou ouvir o melhor que podia em meio ao barulho das pessoas se movimentando na sala. Era difícil, pois eles falavam em voz baixa, mas Martim conseguiu escutar parte da conversa.

– Ainda pergunta? – disse mestre Aires. – Acha que só porque eu fui seu professor vou ignorar o que você fez?

Maria respondeu:

– Eu não sei o que acha que fiz, mestre, mas eu não...

– Foi muito estranho a rainha nomear você para o posto, não acha? Com tantos homens à disposição aqui na

guarda... que tipo de serviço sujo você andou fazendo para conquistar a confiança dela?

– Mestre! – Ela parecia indignada. – Eu nem conhecia a rainha antes da minha condecoração.

– Mas conhecia o rei. O velho foi um tolo ao deixá-la se aproximar desse jeito.

– Eu nunca me deitei com aquele velho nojento, se é disso que me acusa. – Sua voz estava muito grave agora.

– Talvez não, mas chegou bem perto. Perto o suficiente para matá-lo e fazer parecer que foi um acidente.

Maria soltou um suspiro, e disse:

– Isso... é uma mentira...

– Chega! Vocês duas não vão escapar impunes! E poupe seu fôlego para o combate! Eu não acredito mais em você. E pensar que gastei anos treinando-a.

A capitã abaixou a cabeça enquanto mestre Aires lhe dava as costas e começava a se afastar. Martim sentiu que não poderia mais ficar ali sem ficar parecendo um xereta e decidiu sair também, deixando para trás a capitã parada no meio da sala que se esvaziava.

- Não, olhe! Acho que a luta acabou!
- Mas como? Mestre Aires está em pé!
- Acabou sim! Acabou! Ele vai cair!

Ainda sem conseguir ver nada, Martim só podia imaginar o que estava acontecendo com base nas conversas que ouvia. Mestre Aires era o melhor espadachim que conhecia. Tinha treinado com ele algumas vezes, e em todas elas foi surpreendido por sua excelente técnica e velocidade. Como era possível que a luta já tivesse terminado, e com a derrota do mestre?

Martim ouviu mais um grito de assombro, seguido por aplausos. Cada vez mais ansioso, ele deu mais uns pulos. Em um deles conseguiu ver em um relance o corpo do lutador vestido com couro vermelho deitado no chão. Talvez fosse a dificuldade de enxergar, mas ele podia jurar que a roupa do mestre Aires estava mais vermelha do que o normal.

Para sua sorte, nesse momento ele reconheceu um soldado que estava à sua frente, colado à cerca. Ele tinha cabelos vermelhos e usava barba sem bigode. Seus olhos eram castanhos, bastante claros, e seu nariz arredondado fazia-o parecer um pouco mais jovem do que realmente era. Esticando o braço, Martim bateu em suas costas e gritou:

– Carlos, Carlos! Aqui!

Carlos virou-se. Reconhecendo o amigo, puxou-o para o seu lado, empurrando outros dois soldados que estavam ali e abrindo espaço suficiente para encaixar Martim. Ouvia muitos xingamentos enquanto sentia suas costelas sendo espremidas, mas agora tinha uma visão completa da arena.

Pôde enfim confirmar que mestre Aires jazia morto no chão. Sua blusa estava encharcada de sangue, que também formava uma poça ao redor de sua cabeça. A capitã estava em pé, de costas para o corpo de seu antigo professor. Seu corpo arfava, enquanto ela recuperava o fôlego.

– Me conta o que aconteceu, Carlos! – Martim implorou ao amigo.

– Que cheiro é esse? – Carlos fez uma cara de nojo, torcendo o nariz.

– Pisei na bosta – disse, apontando sua bota imunda. – Mas vamos, me diga! O que houve?

– Você não viu? Foi muito rápido!

– Não vi nada. Só consegui pegar um lugar agora. O que aconteceu?

Um dos soldados que havia sido espremido para dar espaço a Martim se intrometeu e falou, com os olhos arregalados:

– Foi assim... o mestre espadachim se colocou em posição de defesa, esperando. Aí a capitã saiu correndo em sua direção. Então...

Foram interrompidos por outro soldado, que falava com a voz muito empolgada:

– Então mestre Aires fez um floreio com a espada, em um zigue-zague que cortaria um passarinho no ar. Mas a capitã, de algum jeito, conseguiu se esquivar, e...

– E o salto? Vocês viram? – Agora era Carlos quem falava, a voz soando estridente. – Acho que foi isso que confundiu Aires. Ela deu um salto, e quando caiu... os dois simplesmente pararam...

– Pararam? – perguntou Martim. – Como assim?

– Acho que ela cortou a garganta dele antes de colocar os pés no chão – respondeu um dos soldados.

– É! Só deu pra ver quando ele deixou sua espada cair e colocou as mãos no pescoço. Segundos depois... caiu morto! – completou Carlos.

Martim reprimiu-se por não ter conseguido ver tamanha destreza. Ele era fascinado por duelos de espada e teria adorado ver a técnica da capitã. Enquanto ouvia os comentários ao seu redor, pousou seus olhos em Maria.

Sua postura era de desânimo, com a cabeça baixa e os ombros caídos. Tendo ouvido suas últimas palavras, entendeu que ela acabara de matar um antigo professor, talvez até um velho amigo.

– Lá vem Caim!

O barulho da multidão cresceu aos poucos, rapidamente se tornando um rugido ensurdecedor. Martim precisou tapar os ouvidos por alguns segundos até que o barulho diminuísse e se tornasse mais suportável. Apoiou novamente as mãos na cerca à sua frente, mas não conseguia ficar parado. Era jogado de um lado para outro à medida que os homens saltavam com excitação.

Mais uma vez não foi difícil encontrar Caim. O Sol já estava alto no céu, produzindo um forte brilho ao redor do enorme cavaleiro de armadura prateada, destacando-o da multidão.

– Agora é que eu quero ver! – gritou um soldado às costas de Martim. – Caim tem uma armadura completa, e a espada da capitã é leve e fina. Não vai nem arranhar aquele aço!

De fato, a espada dela se parecia com uma agulha em comparação com a enorme lâmina que Caim carregava na cintura. Era inimaginável supor que conseguisse causar

algum dano à carapaça do inimigo. Com o elmo lhe cobrindo todo o rosto, Caim parecia um mamute indestrutível, um monolito de aço de uma tonelada.

Não conseguindo conter um sorriso de ansiedade, Martim olhou para os lados. A multidão acenava para Caim. Uns cutucavam os homens ao seu lado, felizes e animados. Outros mantinham o olhar vidrado à sua frente, não querendo perder nenhum movimento. A expectativa e ansiedade eram palpáveis. A única que parecia alheia ao cenário eufórico era Maria. Continuava cabisbaixa e respirando fundo para recuperar o fôlego, sem se incomodar com os gritos ao seu redor. Foi apenas quando o arauto levantou suas mãos e fez diminuir o som que ela saiu de sua paralisia, levantando o rosto para ouvi-lo. Quando o silêncio era suficiente para se fazer ouvir, o arauto disse, em uma voz alta e cristalina:

– Ouçam todos! Ouçam todos!

Demorou um tempo até que barulho cessasse de vez, ao que o arauto continuou:

– Mestre Aires caiu morto em combate. A seguir enfrentam-se a ainda contestada capitã Maria e lorde Caim, do quinto pelotão da infantaria do exército real. Combatentes, tomem seus lugares.

Caim retirou sua longa espada da cintura e a empunhou, enquanto se movia para um canto da arena. Maria levantou a cabeça e olhou para seu rival. Depois de uns instantes, embainhou sua espada e foi até o canto oposto da arena. Martim não tinha reparado até aquele momento, mas cada lutador tinha a seu dispor uma estante com diferentes armas para escolher. A capitã pegou uma lança longa de madeira, com uma ponta metálica formada por três lâminas em forma de cruz, uma maior, à frente, e duas lâminas menores e finas, perpendiculares à maior. Ela virou-se e olhou para seu oponente, segurando a lança com sua mão direita.

– Combatentes, façam seus votos! – disse o arauto.

Martim tinha perdido essa parte do primeiro duelo enquanto rodeava atrás das fileiras de espectadores, mas pôde acompanhar desta vez. Maria falou primeiro, e sua voz soou forte e confiante:

– Entrego-me a este combate de corpo e alma, e prometo lutar até que a morte encontre um de nós. Caso meu corpo pereça, minha alma estará salva pela luta justa que farei.

Assim que ela terminou, Caim repetiu as mesmas palavras, em sua voz grave e ameaçadora. Ao término dos votos, ambos viraram-se para encarar a rainha, em silêncio. A rainha ergueu os braços e disse:

– Que Deus seja testemunha da provação final pela qual passam esses guerreiros. Que Ele possa dar a graça de acolher o perdedor em sua face para receber Seu divino julgamento.

Os combatentes fizeram o sinal da cruz, e em seguida voltaram a se encarar. A rainha disse:

– Comecem!

Martim sorriu com excitação e nervosismo. A capitã tinha se mostrado muito ágil contra mestre Aires, mas contra Caim essa estratégia seria inútil. O que ela poderia fazer para penetrar sua grossa defesa de aço? E Caim? Como poderia acertar um alvo mais rápido do que ele enquanto carregava vários quilos de metal presos ao corpo?

Antes do primeiro combate, Martim estava torcendo contra a capitã. Não por achar que ela seria uma péssima líder. Conhecia muito bem seus colegas soldados e sabia que eles teriam uma enorme dificuldade em aceitar ordens vindas de uma mulher. Além disso, ela não era dali. Vinha de uma divisão distante e certamente não tinha muita noção de onde estava se metendo. Pelas conversas que ouvia, vários de seus colegas também compartilhavam dessa opinião.

Mas muitos parecem ter mudado de ideia depois da queda do mestre Aires. Ele era muito conhecido e respeitado, e o fato de que ela o derrotou com apenas um golpe foi realmente impressionante. Nem todos estavam convencidos, porém. Havia murmúrios de que tinha sido sorte, ou um golpe baixo inesperado e que pegou Aires de surpresa.

Assim que o combate começou, Caim diminuiu a distância em relação a Maria com passos largos e pesados. Não parecia preocupado com o rápido giro da lança que ela promovia nas mãos. Sua carapaça era capaz de resistir a qualquer golpe vindo daqueles braços franzinos.

Foi Caim quem atacou primeiro. Em um movimento rápido de baixo para cima, sua espada cortou o ar perto do peito de Maria, que se esquivou, puxando o corpo para trás. Antes que ela pudesse respirar, a espada desceu em direção à sua cabeça. Caim era extremamente rápido, considerando o tamanho de sua espada e o peso extra da armadura que carregava, mas a capitã conseguiu desviar o golpe. Batendo com a lâmina de sua lança na ponta da espada de Caim, fez com que esta atingisse o chão lamacento.

Maria saiu correndo para longe de Caim, e desta vez ficou bastante perceptível que ela tinha uma deficiência na

perna. Se ao caminhar quase não se notava que tinha um pé artificial, no combate parecia lhe causar uma grave desvantagem.

Caim não deixava que se afastasse muito. Ele golpeava rápida e sucessivamente, e Maria tinha dificuldade em contra-atacar enquanto desviava dos golpes e afastava os cortes com o rebater de sua lança. A respiração ofegante dos lutadores se alternava com o som de seus pés arrastando na lama. Martim ficou impressionado com o vigor físico dos dois, que corriam e pulavam sem demonstrar sinal de cansaço.

Maria enfim encontrou uma brecha entre os ataques que recebia. Após um momento de descuido de Caim, ela deu dois passos para a frente, prendeu a respiração e saltou para cima. Caim tinha levantado a espada para o lado e deixou o peito aberto. Soltando um longo gemido, Maria enfiou a lança com toda sua força no peito de Caim, mas não produziu nada além de um enorme barulho e uma brilhante faísca. Caim soltou uma risada alta, abafada pelo elmo, enquanto voltava a golpear e afastar a capitã.

– É impossível! – disse Carlos. – Ela não tem força para perfurar a armadura dele.

Martim concordou. Era difícil imaginar Caim perdendo aquela luta. A julgar pelo barulho alto de sua respiração e

pelos pequenos gemidos que soltava a cada movimento mais brusco, Maria estava começando a ficar cansada, Caim também demonstrava o fôlego mais exaurido, e cada urro que acompanhava um golpe de sua espada parecia expressar mais cansaço do que o anterior. Mas ele parecia mais tranquilo. Sua armadura estava intacta, e a capitã logo não conseguiria se esquivar mais.

Em sua próxima sequência de ataques, ele passou a mirar as partes expostas dos braços e coxas de Maria. Sem conseguir se afastar, a capitã tinha que usar sua lança para repelir os ataques. De vez em quando ela encontrava uma brecha para outro ataque, sempre no mesmo local, no peito de Caim, mas o resultado era sempre o mesmo: faíscas, barulho e mais nada.

A luta seguiu por um longo tempo sem que nenhum dos dois produzisse ferimento no outro, o que era algo que Martim nunca tinha visto. Eles eram guerreiros muito hábeis, e isso só aumentava a certeza de que o momento em que um deles sucumbiria estava se aproximando rapidamente. E o momento chegou, com Maria tendo seu sangue derramado primeiro.

Em uma de suas investidas, Caim conseguiu que a ponta de sua longa espada resvalasse na parte interna da coxa esquerda da capitã. O tecido branco rapidamente se tingiu

de vermelho, enquanto Maria gritava de dor. Ela caiu no chão, com a mão na perna. O marrom da lama se juntou ao branco do tecido e o vermelho do sangue. A multidão comemorou, e Martim sentiu um leve aperto no peito, comovendo-se com o sofrimento da pobre moça. Ele queria que ela perdesse, mas não desejava de forma alguma que fosse morta ali, na sua frente.

Caim mais uma vez gargalhou, e se aproximou para dar um golpe, mas a capitã não se entregou. Conseguiu se defender com a ponta da lança mais uma vez. De maneira ainda mais surpreendente, ela rolou no chão, salpicando lama nas armaduras dos dois lutadores, e posicionou-se logo atrás dele.

Tendo um elmo muito fechado, Caim perdeu-a de vista momentaneamente. Ainda deitada e aproveitando-se da breve desorientação de seu oponente, ela levantou a perna que tinha o pé metálico e, soltando um grito, empurrou-a com toda a força na lateral do joelho de Caim.

– Ui, quebrou! – disse alguém, reproduzindo o exato pensamento que provavelmente passou pela cabeça de todos os presentes.

Martim sentiu como se o golpe tivesse sido desferido em sua própria perna. Instintivamente, levou sua mão ao

joelho, apenas para sujá-la com o estrume que ainda estava grudado ali.

Caim gritou de dor e levou as duas mãos à perna, que ficou dobrada de forma completamente não natural para o lado de fora do corpo. O gigante caiu de costas, produzindo um baque surdo metálico e espirrando lama para todos os lados. Lutando contra o peso da armadura, ficou se mexendo, tentando se levantar, mas o esforço era em vão. Se já era difícil para um cavaleiro sadio erguer-se sozinho com uma armadura completa, com uma perna quebrada era impossível. Apenas espalhava a lama, desenhando um círculo ao seu redor.

A capitã levantou-se um pouco, apoiando-se nas mãos e joelhos. Ficou um tempo ali, respirando fundo e recuperando o fôlego, enquanto Caim urrava e se mexia sem sair do lugar.

Ela enfim se levantou.

Pegou a lança e olhou para o gigante caído no chão.

Em um movimento rápido, como se estivesse usando uma picareta, bateu com uma das lâminas menores da lança no seu peito.

Nada.

Aproximou-se e examinou o resultado. Insatisfeita, afastou-se e repetiu o movimento. Uma, duas, três batidas. De vez em quando, voltava e examinava o local, antes de retomar seu esforço.

– Caramba, ela vai martelar até abrir um buraco? É isso? – foi um comentário de Carlos, no ouvido de Martim.

A multidão ficou em silêncio, observando a mulher golpeando sistematicamente o peito do homem. Este já não oferecia resistência, e criou-se uma expectativa no ar.

– A rainha não pode encerrar o combate? – perguntou Martim, com a voz agitada e a respiração rápida.

– Ela não pode, eles fizeram um voto. – Alguém respondeu.

– Mas ele já está derrotado. Que agonia!

– Ainda não. Sua armadura está inteira. Talvez ela se canse e tenha que desistir.

O homem parecia ter razão. A capitã não conseguia nenhum progresso em seu esforço. Seu cansaço aumentava. Ela ofegava e gemia enquanto golpeava, cada vez mais sem forças.

Começaram a surgir comentários jocosos à medida que os soldados duvidavam que ela conseguiria terminar o combate. Um soldado ao lado de Martim disse:

– Ai, se ela gemesse assim na minha cama...

Martim deu uma risada alta, debochada, mas logo se arrependeu, pois a capitã tinha ouvido. Ela virou seu rosto e olhou diretamente para ele, seus olhos cor de amêndoa faiscando de dentro do elmo escuro. Ele corou e forçou-se a ficar sério imediatamente.

Nesse exato momento, Caim, que tinha recuperado a sua espada sem que Maria percebesse, conseguiu golpear a capitã. Ele a acertou em seu pé falso, o que fez com que ela caísse de costas no chão, ao lado dele. Mesmo deitado, não parou de golpear com a espada, espirrando lama a cada movimento. Maria defendia-se com a lança ou rolava de um lado para outro para evitar seus ataques.

Mas Caim já estava exausto, e os golpes não demoraram a cessar. Maria conseguiu se levantar, também parecendo igualmente cansada. Aproximando-se dele novamente, acertou sua mão com a lança, certificando-se de que sua espada ficaria fora de alcance definitivamente.

A capitã voltou a golpear. Martim não soube dizer quanto tempo demorou, mas quando a pequena lâmina finalmente

penetrou um centímetro na armadura, suspirou aliviado, grato pelo iminente fim daquela agonizante batalha. Maria deu mais três golpes certos e abriu um pequeno buraco na placa metálica que cobria o peito de Caim.

A multidão soltou um grito de assombro.

Deixando cair os ombros e olhando para cima, a capitã respirou forte algumas vezes, recuperando um pouco do seu fôlego já exaurido. Em seguida, fez um movimento repetido de sobe-e-desce com o cabo da lança.

– Ela está alargando o buraco – disse Martim, com a voz baixa, sentindo o estômago embrulhar um pouco.

Parecendo satisfeita com o resultado, Maria atirou a lança para o lado, jogou a mecha de pelos de cavalo para trás ao mesmo tempo em que desembainhou sua fina espada. Respirando fundo e colocando a ponta afiada da arma exatamente no buraco da armadura, ela deu um salto e caiu, concentrando todo seu peso no punho da espada. O metal fino atravessou a pele e os ossos, parando somente ao atingir as costas do cavaleiro. Ele estremeceu. Sangue jorrou pelo pequeno buraco, tingindo de vermelho o aço escuro do elmo de Maria. Alguns segundos se passaram antes que Caim parasse de respirar. O combate estava terminado.

A capitã levantou o rosto, ofegante, e olhou a multidão, que, atônita, estava no mais completo silêncio. Retirando a espada do corpo inerte de Caim e agitando-a para que a maior parte do sangue se soltasse, ela dirigiu-se ao centro da arena. Olhando para todos os lados, gritou, em uma voz desafiadora:

– Mais alguém quer ofender a minha honra ou a da rainha?

O silêncio continuava. Martim olhou para os rostos pasmos ao seu lado. Eram estátuas, com os olhos vidrados, incrédulos. Olhou para a rainha, que estava em pé. Em contraste com o espanto da multidão, seu rosto exultava em evidente alegria e orgulho.

Maria esperou mais uns instantes e depois foi até o local onde estava Catarina. Ajoelhou-se e abaixou a cabeça, esperando que esta concluísse o combate. A rainha então disse:

– Você defendeu sua honra e a minha com bravura! Levante-se, Maria, capitã da guarda real!

A própria rainha começou a bater palmas, o que fez com que toda a plateia a seguisse, timidamente a princípio, mas depois ganhando volume e intensidade. Maria se levantou e agradeceu com um gesto. Em seguida voltou para o

centro da arena. A multidão fez silêncio espontaneamente. Ela disse, em tom de comando:

– Soldados da guarda real! Apresentem-se imediatamente no salão da guarda!

Os homens saíram de sua dormência e correram para chegar logo ao local ordenado. Enquanto corria, Martim deu uma olhada para trás e viu a capitã se ajoelhar ao lado do corpo de Aires, no que parecia ser um último gesto de reverência ao antigo mestre.